



Operação concluída, um retrato da devastação. Para o Siv-Solo, invasores não são sem-teto e têm para onde ir. A presidente do Idhab, Alexandra Reschke, diz que o governo está aberto a negociações, mas que derrubadas vão continuar

Combate às invasões vai continuar

Governo comemora resultados da operação em Samambaia e hoje promete retirar os barracos construídos em Areal, próximo a Taguatinga

Duas funcionárias do Serviço do Desenvolvimento Social (SDS) de Samambaia estiveram ontem na invasão após a derrubada dos barracos. Elas faziam um levantamento de quem realmente não tinha para onde ir.

"Iremos encaminhar as famílias que estão desabrigadas aos albergues do governo", garantiu o administra-

dor Jacques Penna. Até o final da tarde, não se sabia o número exato dos sem-teto.

O sub-gerente do Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo), Mário Celso Manete, coordenou pessoalmente a derrubada de barracos na invasão. Contente com os resultados da operação, comentou: "É mais uma invasão que erradicamos". Sobre o desti-

no dos invasores, deixa escapar: "Eles não saíram da noite para o dia. Vieram de algum lugar e por isso têm para onde ir".

E a presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab), Alexandra Reschke, deixa um recado: "Estamos sempre dispostos a negociar, mas o mesmo procedimento realizado hoje (ontem) na invasão da creche acontecerá em todas as invasões do Distrito Federal".

BATE-BOCA

Conter o ímpeto dos invasores na guerra de ontem não foi fácil. Menos

fácil será achar, a curto prazo, uma solução para os invasores. "Muitos deles invadiram apenas para garantir terreno. Ninguém vai ganhar lote", disse Jacques Penna, administrador de Samambaia. "Há seis meses propusemos ao núcleo que lidera a invasão que formassem cooperativa para que pudéssemos cadastrá-los. Ninguém fez nada", acusa.

"Eles nunca quiseram acordo nenhum com a gente", revida Raimundo Nonato Aguiar, diretor da Federação dos Inquilinos e Sem-Teto do Distrito Federal. No final da tarde, ele foi uma das pessoas detidas pela polícia.

A confusão da invasão no terreno da creche da Fundação do Serviço Social vem de alguns meses. Em junho do ano passado, um pequeno grupo de cerca de 20 famílias invadiu a quadra 602 de Samambaia e lá armou seus barracos. A administração os retirou dali e eles resolveram se instalar em frente à própria administração. Ficaram lá dois meses. Só que, ao invés de 20, apenas seis permaneceram.

A creche da quadra 301, uma construção não concluída pelo governo federal, foi repassada ao governo do Distrito Federal com a extinção da Legião Brasileira de Assistência (LBA). Sem recursos, o GDF parou a obra.

Achando que estava prestando um grande serviço, a administração levou as seis famílias para a creche. Era o início do drama. Em menos de um mês, havia pelo menos uns cem barracos dentro da creche. "Todos os dias aumentava um, mulheres, crianças, não deu mais para controlar", confessa, arrependido, Penna.

Ocupados todos os espaços internos, há menos de uma semana as invasões se estenderam para o lado de fora da creche. Ontem, havia 200 barracos espalhados pela área. Muitas deles surgiram na calada das duas últimas noites. (MA)